

Os passos da salvação

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “*O Kardecismo e os passos da salvação*”, assinado por Pr. Joel Santana, e publicado no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/o-kardecismo-e-os-passos-da-salvacao/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação. Lembramos aos leitores que respondemos a esta obra do pastor “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” e que se encontrará em nossa conclusão o link para baixar toda ela e conhecerem nossa refutação.

CAPÍTULO XIII – OS PASSOS DA SALVAÇÃO

Após diversas abordagens do pastor em defender seus dogmas, em detrimento à Doutrina Espírita, ao qual desenvolvemos nossa refutação até o presente momento, iremos nos deparar agora como uma tentativa do pastor em nos converter à sua ortodoxia, pois, segundo ele, estamos condenados ao inferno por praticar mais os exemplos de Jesus, do que dar a devida importância a visão deturpada da transubstanciação, que já o esclarecemos à sociedade em capítulos anteriores. Com isso, vamos conhecer o objetivo deste capítulo e conhecer a pregação do pastor.

Como já observei no capítulo anterior, o meu objetivo não é meramente criticar os kardecistas. A crítica que aqui teço contra o Kardecismo, é apenas o caminho que julgo necessário percorrer, para se chegar a um alvo infinitamente nobre, que é conscientizar os kardecistas, bem como os simpatizantes dessa confissão religiosa, que o Espiritismo é arapuca de Satanás; para, deste modo, encontrá-los no Céu um dia! Logo, o faço por amor! E, sendo assim, esta crítica que ora endereço ao Kardecismo é, obviamente, construtiva.

Conhecendo o objetivo do pastor que é retirar nós, espíritas, da *arapuca de Satanás*, tal qual o fez no capítulo anterior, onde seus argumentos foram julgados pelas próprias Escrituras, ante o registro de que nós damos muito mais importância à prática do Evangelho e o exercício da lei áurea do Mestre (Mt 22,37-39), o pastor ainda entende que estamos condenados ao inferno. Com este nosso raciocínio, concluímos que quem está numa arapuca não somos nós, mas o nobre pastor que quer nos convencer que a

prática do Evangelho que nós temos para com o nosso próximo, nos está levando a condenação, uma vez que satanás, por tanta inabilidade, nos recomenda a fazer tudo aquilo que desejamos de bem ao próximo, como gostaríamos que nos fizessem, sendo esta inspiração contrária ao mal que o tal príncipe dos demônios pratica. Dessa forma, tão inábil se revela essa figura caricata do pastor, que é satanás, em inspirar em nós espíritas, toda o bem que podemos realizar ao nosso próximo, sendo esta recomendação contrária ao seu reino de discórdia. Lembramos, inclusive, que Jesus sofreu este mesmo preconceito em sua época por parte dos judeus, que diziam sempre após Jesus operar uma cura, que o Mestre realizava através do Belzebu (Mt 12,22-32; Lc 11,14-23). Enfim, entendemos que estamos no caminho certo, em seguir os exemplos de Jesus, e perseguidos por pastores e afins, tal qual se apresenta esta obra que estamos respondendo, nos motiva a ser cada vez mais indulgentes com a falha alheia.

Diz o pastor que faz uma crítica construtiva ao Espiritismo e que quer nos encontrar no Céu, o que demonstramos que não foi bem assim as suas críticas, que vieram repletas de ódio e repúdio aos postulados espíritas, tal qual demonstrou a sua ojeriza no trato com o Espiritismo, onde em alguns momentos, seguiu a sua má-fé, ante a recortes de trechos da Codificação com o único objetivo que era deturpar a filosofia que tanto o incomodava. Esta não é uma boa tática, pois se quer nos converter aos seus prosélitos, nos apresente algo melhor do que a Doutrina Espírita nos oferece, e não o ataque com desonestidade e belicosidade que gera muito mais desconforto do que uma devida atenção às suas palavras. Com isso, vamos continuar examinando a atitude do pastor. Vejamos:

Diante de Deus este autor confessa que redigiu estas linhas chorando e orando. Embora eu já tenha falado sucintamente sobre o Plano de Salvação, volto a este assunto, num esforço de trazer mais luz sobre este importantíssimo tema. Vejamos, pois, o seguinte:

- A) Os passos que devem ser dados para se sair da perdição e alcançar a salvação;
- B) O passo que deve ser dado para se manter na salvação; e,
- C) Os passos que devem ser dados por se ter alcançado a salvação. E-los:

Já que orou a Deus nas linhas que se seguem, seu pedido será atendido em nos motivar a responder qual é o objetivo da Doutrina Espírita, que você ainda não compreendeu, e que espero que ao ler esta nossa resposta, possa ao menos reconhecer suas diversas falhas no trato doutrinário da Codificação, compreensão de

passagens inteligíveis das Escrituras, à luz da Doutrina Espírita, em lhe ofertar, pelo menos, um pedido público de desculpas que para nós seria o suficiente, uma vez que não temos a pretensão de converter-lhe à nossa filosofia de vida, mas que nossas palavras possam tocar seu coração e destituí-lo do preconceito com o Espiritismo. Vamos conhecer os passos da salvação, segundo o pastor.

13.1. Os Cinco Passos que Conduzem à Salvação

Neste tópico, o pastor desenvolverá sua cartilha de intenção ao tentar converter um pecador, tal qual ele nos julga, por termos a Doutrina Espírita como diretriz moral em nossa vida. Vejamos seu desenvolvimento.

13.1.1. Reconhecer Que é Pecador.

Nem precisamos nos delongar neste quesito, uma vez que não julgamos que somos perfeitos e sim, que somos seres perfectíveis, a galgar os degraus da experiência terrena, onde obteremos, nas incontáveis vidas sucessivas, sempre um novo aprendizado moral e intelectual, que nos impulsionará sempre à frente, no progresso de nosso ser. Cremos que aqueles que se debruçam na Codificação Espírita, sem preconceitos, compreendem este objetivo, o que demonstrou que o pastor não entendeu bem esta mensagem, quando ele diz.

A Bíblia diz que “não há homem que não peque”(II Cr 6.36). Este reconhecimento não nos pode salvar, mas é um passo que não pode deixar de ser dado por aquele que quer ser salvo.

O contexto ao que o pastor cita esta passagem (2Cr 6,36), está contido no livro de Crônicas que é uma repetição de fatos não narrados dos livros de Josué até os livros de Reis, onde sua continuidade perpassa pelos livros de Esdras e Neemias. Esta obra é pós-exílica, ao cativo da Babilônia, e o objetivo do texto (2Cr 6,21-39) é justamente o tema **oração pelo povo**, que denota uma exortação ao povo de Israel, que mesmo sob domínio político de potências do oriente, necessitava de um alento e este texto reflete bem este intento, concomitante ao enredo de (1Rs 8,30-51). Portanto, este passo do pastor, seguimos completamente, pois somos seres perfectíveis e entendemos nosso objetivo, ante ao progresso.

13.1.2. Reconhecer que Deus é Justo.

Esse passo também somos completamente cumpridores em sua essência, pois um dos principais atributos de Deus é que Ele é **soberanamente justo e bom**, mas vamos conhecer o conceito do pastor:

A justiça de Deus vai além do que pensamos e falamos, e às vezes entra em choque com os nossos pontos de vista.

Creemos que a justiça divina que o pastor se deparou na Codificação Espírita o confrontou e o impactou, pois levou-o a escrever quase cem páginas em resposta, diante de sua completa insatisfação, ante a lei divina, mas vamos recordar a ele e aos leitores a questão de número 13 da obra *O Livro dos Espíritos*, que se encontra na primeira parte, capítulo I que trata do tema *De Deus*. Vejamos:

13. *Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos ideia completa de seus atributos?*

“Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita as vossas ideias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já Ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber”.

Deus e *eterno*. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado, por um ser anterior. E assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e a eternidade.

E *imutável*. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam.

E *imaterial*. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, Ele não seria imutável, porque estaria sujeito as transformações da matéria.

E *único*. Se muitos deuses houvessem, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

E *onipotente*. Ele o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas. As que não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

E soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da Justiça nem da Bondade de Deus. (KARDEC, A. 2019e, p. 58-59) (itálico no original e grifo nosso)

O conceito de Deus na codificação que apresentamos, é bem abrangente e não vemos nas demais agremiações religiosas, dentre as quais o pastor se inclui, uma maior

completude de atributos da divindade, do que a Doutrina Espírita nos oferece, onde até destacamos a reflexão de Kardec, sobre um dos atributos de Deus que é ser **soberanamente justo e bom**. Como já o dissemos, que o pastor nos ofereça uma questão mais completa do que esta que apresentamos que deixaremos o Espiritismo, e o seguiremos. Vamos ao passo seguinte:

13.1.3. Reconhecer que Está Condenado.

Este é um ponto que divergimos, pois como bem já fizemos anteriormente, em salientar que a criação tem um objetivo comum que é chegar à perfeição, ante um ponto de partida igualitário que é a criação de seres simples e ignorantes. Este conceito de que já nascemos condenados, não tem respaldo prático, pois a vida de cada um de nós é diametralmente distinta entre a sorte de experiências e condições em que nos encontramos na presente encarnação. Entretanto, vamos conhecer as justificativas do pastor. Vejamos:

Sim, contrário ao que muitos pensam, a justiça divina não condenou apenas os grandes pecadores como: os estupradores, os latrocidias, os caluniadores, os adúlteros, os homossexuais, os invejosos, os ateus, os espíritas, os católicos e assim por diante. Não!!! Deus condenou todos ao inferno! Disse Jesus: “Se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis...” (Lc 13.5). Disse o apóstolo Paulo: “todos pecaram e estão privados” (ou destituídos) “da glória de Deus” (Rm 3.23). Estes textos provam que a justiça divina vai além do que cogitamos, e não raramente diverge dos nossos padrões.

No juízo de valor do pastor, ele coloca num mesmo balaio todos os que não são evangélicos como condenados, na justiça divina que ele estabeleceu tal critério. Na cabeça dele, somente os evangélicos é que estão absolvidos desta condenação. Para tanto, ele vai recorrer novamente a pinçadas de textos bíblicos para dar maior respaldo às suas cavilações, tal qual o contexto de (Lc 13,1-5), que trata do tema **convites providenciais à penitência**, onde o pastor destaca “**Não, eu vos digo: se não vos arrependerdes, perecereis todos de modo semelhante**”. (v. 5). Na visão deturpada do pastor, esta passagem dá suporte a dizer que Deus condenou todos ao inferno que não são do rebanho de sua crença, quando cita esta conclusão de Jesus. Dessa forma, será preciso de citar o contexto e estabelecer uma boa hermenêutica e exegese do texto para atestarmos se os evangélicos estão isentos da condenação, pois nos parece que o pastor omite expressões ditas pelo Mestre, ao qual destacamos. Vejamos:

Lc 13,1-5: **Convites providenciais à penitência** – Nesse momento, vieram algumas pessoas que lhe contaram o que acontecera com os

galileus, cujo sangue Pilatos havia misturado com o das suas vítimas^d. Tomando a palavra, ele disse: “Acreditais que, por terem sofrido tal sorte, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? Não, eu vos digo; todavia, se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo. Ou os dezoito que a torre de Siloé matou em sua queda, julgais que a sua culpa tenha sido maior do que a de todos os habitantes de Jerusalém? Não, eu vou digo; mas, se não vos arrependerdes, perecereis todos de modo semelhante”.

d) Episódio totalmente desconhecido, bem como o acidente mencionado no v. 4. O ensinamento é claro: os ouvintes de Jesus mereciam por seus próprios pecados uma sorte semelhante, isto é, sofrerão certamente se não fizerem penitência. (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 1813)

Diante do contexto, Jesus alude que todos os seus ouvintes, incluindo seguidores, habitantes de Jerusalém, mereciam tal sorte ao qual o relatam as vítimas de Pilatos. Ocorre ainda que estes dois fatos, sendo um, as vítimas de Pilatos com de pena de morte dos galileus e outro o da torre de Siloé, não tem comprovação histórica, segundo a nota explicativa da Bíblia de Jerusalém, mas que pela narrativa do evangelista, nenhum escaparia da condenação semelhante, segundo o Cristo.

Diante deste contexto, a exegese do (v. 2) nos remete a passagem de (Jo 5,14+) que retrata o homem coxo há 38 anos que aguardava sua cura no lago de Betesda, que ao encontro com Jesus, este o curou, asseverando que não provesse sua vida de forma torta, senão haveria uma enfermidade que poderia lhe sobrevir de maneira mais severa. Esta passagem já destrinchamos ela anteriormente e estamos apenas resumindo o entendimento judeu da lei de causa e efeito, no resgate das iniquidades (Ex 20,5-6). Dessa maneira, diante da má interpretação do pastor, omitindo palavras do (v. 5) que já apontamos, todos os ouvintes ali estariam condenados a mesma punição da vida, ante seus pecados, como resultado de suas ações pregressas, tal qual quando o Mestre afirma que todos os habitantes de Jerusalém estariam condenados, devido ao derrame do sangue dos profetas (Mt 23,35; Lc 11,50). Sem as vidas sucessivas, estas passagens se tornam ininteligíveis!

Por fim, o pastor cita o (v. 23) do contexto de (Rm 3,21-31), onde Paulo trata do tema **revelação da justiça de Deus** que já comentamos anteriormente e não retornaremos a este assunto, para não nos tomarmos longo e prolixo, uma vez que esta é a tática do pastor, em repetir sua cartilha de pregação, na tentativa de nos converter. Já o orientamos, nos apresente algo mais lógico e perfeito que a Doutrina Espírita que abraçaremos a ideia. Enquanto nos atacar, resta-nos refutá-lo! Vamos ao passo seguinte:

13.1.4. Reconhecer que a Morte de Jesus Foi Substitutiva.

Este é o ponto central da pregação do pastor, onde ele vai se basear nas epístolas paulinas, em detrimento aos Evangelhos, tentando nos convencer de que Jesus morreu em nosso lugar, a quitar o pecado original de Adão, devido a sua desobediência com Deus no jardim do Éden. Ocorre que este conceito se desfigurou no seio evangélico e qualquer delito que os cristãos hoje cometem, é remetido aos ombros de Jesus, como se o Mestre tivesse pago o preço da condenação, isentasse o culpado da sua correção, formando assim uma geração impune e cheia de preconceito, tal qual observamos no item anterior, em que o pastor condenou a toda espécie de criminosos e partícipes de outras filosofias religiosas, como pecadores condenados ao inferno, por não seguirem sua ortodoxia e tentou dar um respaldo numa má interpretação do Evangelho de Lucas, em detrimento a boa hermenêutica e segura exegese. Agora chegamos ao ápice, e vamos conhecer os argumentos do pastor.

Muitos pensam que a razão pela qual Jesus morreu, é a seguinte: “Para o homem se salvar, basta-lhe ser bondoso, e Jesus teria vindo ao mundo para nos ensinar isso. E o fez, não só com palavras, mas sobretudo, com atos, não pagando na mesma moeda, o mal que lhe fizeram”. Nada, porém, está mais longe da verdade. O quadro que nos é apresentado pela Bíblia, é diametralmente oposto.

À luz da Bíblia, a razão pela qual Jesus morreu é: O homem é pecador e Deus é justo; e, por estas razões, ficamos tão perdidos, que tudo quanto fizéssemos para sairmos da perdição, não produziria o efeito desejado. Inútil seria arrependermos dos nossos pecados, pedirmos perdão, chorar, etc.; visto que, na opinião de Deus, perdoar a culpa é tão errado quanto punir o inocente. Deus vê que o pecado é uma dívida que tem que ser paga. E por não termos com que pagá-la, fomos condenados à perdição eterna. Então Jesus desceu do Céu para cumprir a pena em nosso lugar. É por isso que Jesus é o Salvador. Ele não salva com Suas palavras, nem tampouco com Seus brilhantes exemplos, mas sim, com o Seu sacrifício substitutivo. Logo, para que servem as Suas palavras? Servem para nos informar isso, bem como para educar àqueles que, por crerem nisso, tornarem-se cristãos. Assim está claro que Deus não perdoou a nossa dívida, e sim, que Jesus pagou-a por nós e para nós, se arrependidos crermos nesta verdade.

Após o conceito do pastor, ante o significado do sacrifício vicário do Mestre, ele coloca o martírio do Cristo acima da prática dos seus exemplos, onde nos diz que Deus ignora aqueles que se arrependem de seus pecados, comparado a punição de um inocente. Seu dogmatismo se torna assaz perigoso, pois demonstra que qualquer criminoso que acreditar no sacrifício vicário, poderá continuar em suas práticas

delituosos que já está perdoado, pois como o pastor deixou bem claro, basta acreditar no sangue de Jesus. Pasmem, este é o conceito de salvação proposto pelo pastor! Dentro deste axioma, podemos concluir que não foi necessário Jesus permanecer por três anos o seu ministério, ensinando, exortando e exemplificando, uma vez que era necessário para a justiça divina, apenas o seu sangue para quitar a dívida de Adão. Neste raciocínio do pastor, Jesus não seria mais o caminho a seguir seus exemplos, mas o sangue que precisaria ser derramado de um justo para quitação da dívida de outrem aos injustos.

É claro que o pastor e seus simpáticos argumentarão que não é bem assim não, que após um pecador acreditar no sangue de Jesus, mudará suas atitudes em desacordo com a providência divina e corrigir suas imperfeições, mas reforçamos que dentro do contexto, bastaria ao infrator da lei, de amor e caridade, apenas aceitar o sangue de Jesus que sua dívida já estava paga com o Pai. O pensamento do pastor nos levou a esta conclusão e não adiantará propor outra fórmula de salvação, uma vez que ele colocou a ineficácia da prática dos ensinamentos de Jesus. Bastaria recorrer ao raciocínio e prever a desordem que este conceito proporciona na sociedade, uma vez que já a estamos vendo, uma vez que “cristãos” que antes eram perseguidos, hoje perseguem, tal qual o pastor se motivou a escrever este livro que estamos refletindo, respondendo e propondo uma mudança de atitude da parte daqueles que se julgam salvos, mas não se esforçam em ser pessoas melhores para com o seu próximo! Vamos continuar a acompanhar o pensamento do pastor. Vejamos:

O leitor talvez queira formular a seguinte pergunta: “Por que diz então a Bíblia que Deus perdoa?” A resposta a esta pergunta é que com este termo simples (perdão) e de fácil compreensão, a Bíblia está dizendo que Deus nos livra da condenação, se apelarmos para o sacrifício de Jesus. “Perdão”, neste caso, é um termo simples que designa a mudança de relacionamento entre Deus e o pecador, quando este se refugia no sangue de Jesus. Assim como a Bíblia diz que Deus se esqueceu dos nossos pecados (Hb10.17,18), mas esse esquecimento, muito longe de ser interpretado ao pé da letra, tem de ser encarado como uma força de expressão, posto que doutro modo faríamos de Deus um débil mental, assim também a palavra “perdão” tem de ser entendida como uma força de expressão que retrata a reconciliação com Deus. Se não fosse assim, Jesus teria morrido em vão. Sim, porque se Deus, para perdoar o pecador, exigisse tão-somente, arrependimento e fé, não dependeríamos do sangue derramado na cruz. É bem verdade que agora, mais nada precisamos fazer, além de arrepender e crer; mas tal se dá porque o preço já foi pago por Jesus.

Como o leitor sabe, substitutivo não é o mesmo que substituível. Portanto, quando afirmo que o sacrifício de Jesus foi um ato substitutivo, quero

dizer que Ele nos substituiu na morte e no sofrimento, sofrendo a pena em nosso lugar, e que, por conseguinte, o Seu sacrifício nos quita para com Deus, se arrependidos cremos. É por isso que nós, os evangélicos, não cremos em purgatório, em salvação pelas obras, em reencarnação, etc., pois não temos dívida a pagar, nem mesmo parcialmente. Jesus já pagou-a totalmente por nós (Is. 53: 4 – 12; 2 Pe. 2: 24; Lc. 23: 43; Cl. 2:13 a 15).

O pastor reforça a sua ideia anterior e prolonga-se em dizer que Deus perdoa, mas no sentido de ser completo quando o infrator aceita o sangue de Jesus como quitação de sua dívida. Para tanto, cita novamente a sua regra de fé (Hb10,17-18) como probante de seus argumentos, de que o perdão de Deus, para com o pecador é uma força de expressão e não um fato. Entretanto, ao examinarmos o contexto (Hb 10,11-18) percebemos que o capítulo 10, tem como tema **o sacerdócio de Cristo**, em específico ao que vamos analisar, nos diz o seu objetivo **a eficácia do sacrifício de Cristo**, onde mais uma vez, o escritor da epístola aos Hebreus vai colocar o sacrifício de Jesus como único e substitutivo aos sacrifícios da Lei de Moisés para perdão de pecados, que passou a ser ineficiente (v. 11).

Sobre mais citações isoladas, o pastor lança mão, primeiramente, de (Is 53,4-12) que dentro do judaísmo, o servo sofredor é Israel e ao examinarmos todo o capítulo 53 e referências paralelas deste livro, chegaremos a esta conclusão. Chegamos agora a citação do pastor de (2Pe 2,24), mas devemos corrigi-lo que a citação correta é (1Pe 2,24) que em seu contexto (2Pe 2,18-25) retrata o contexto **para com os senhores exigentes**. Traz um paralelo de conduta de seu servo para com seu senhor, diante do exemplo do Cristo que mesmo sem pecado, sofreu a injúria e condenação de seus algozes. Pedro alude em sua epístola que o servo deve seguir ao seu senhor, mesmo que exigente, como Cristo seguiu seu martírio. Acerca do evento do **“bom ladrão”** (Lc 23,39-43), pincelado pelo pastor apenas o trecho final (v. 43), já o comentamos anteriormente e não tem nada a ver com este tema.

E por fim, o pastor pinça o texto de (Cl 2,13-15), onde nós trazemos o seu contexto anterior a (Cl 2,9-15) que tem por tema: **Só Cristo é o verdadeiro Chefe dos homens e dos anjos**. Pelo teor do tema, Paulo coloca uma legalidade judaica da circuncisão como uma outra determinação mais profunda e espiritual, enquanto a outro é apenas material, a de Cristo é perpétua (v. 11). Nada mais do que este o combate de Paulo ao farisaísmo e o pastor pega somente a parte que lhe interessa, com a finalidade de apontar uma ideia que o texto não pode oferecer.

O pastor nos demonstrará, através do seu exemplo, de que Jesus o substituiu

na morte e no seu sofrimento, onde o Mestre sofreu a pena em seu lugar. Mais uma vez, o pastor se utiliza de um raciocínio falho, pois se ele considera que Jesus o substituiu, logo o pastor e seus simpatizantes não sofreriam mais e nem mesmo morreriam, pois eles foram substituídos pelo Cristo que padeceu e seus lugares. Contudo, os fatos apontam que todos os Cristãos, mundo afora, continuam a sofrer suas mazelas e morrem dia após dia. Acreditar num efeito substitutivo, não existe um exemplo prático de que tais efeitos sejam suspensos. Outrora, os Cristãos primitivos foram muito mais perseguidos, martirizados e tinham a esperança do regresso do Mestre, mas não estavam isentos da perseguição, sofrimento e morte, que inclusive foi feroz.

Concluimos que o pastor apresenta uma ideologia ilusória, sem uma aplicação prática, ante os revezes da vida. Nós espíritas, apresentamos uma outra visão que destoa desta apresentada pelo pastor que é justamente o arrependimento, a mudança de atitude, a correção ante a pedagogia divina através da expiação, a reeducação de atitudes perniciosas, a prova de sua fidelidade ao novo caminho e a ressurreição de um novo ser transformado através das vidas e experiências sucessivas que o reintegram ao seio divino, capazes de disseminar o Evangelho do Cristo, através do exemplo que vivenciaram e têm a oportunidade de agora, demonstrar com exemplos práticos a força da mensagem do Cristo que nos liberta!

13.1.5. Receber Jesus Como Salvador Pessoal

Esta linguagem é bem peculiar, àqueles que já se julgam isentos das consequências de seus erros, uma vez que já declararam aos quatro ventos que estão salvos e que Jesus quitou na cruz sua dívida com Deus, que era de outrem, a saber Adão. Ante este pensamento, o pastor vai fundamentar sua tese. Vejamos:

Já afirmei que se Jesus não morresse por nós, não seríamos salvos, por mais que implorássemos o perdão. Isto significa que não adiantaria arrependermos, se Jesus não morresse por nós. E uma verdade do mesmo tamanho desta, é que não adianta Jesus ter morrido por nós, se não nos convertermos. É o sacrifício de Jesus, mais a nossa fé nesse sacrifício, que mudam a nossa sorte. Para nos salvar, Jesus fez a Sua parte, e nos manda que façamos a nossa; e a nossa parte é crermos que Cristo fez a nossa parte, bem como nos valermos disso.

É de domínio público que nós, os evangélicos, sustentamos que já estamos salvos. Esta nossa postura tem gerado inúmeros questionamentos por parte daqueles que nada sabem a respeito da salvação em Cristo. Certo Kardecista me disse: “O fato de você ter encontrado o caminho da salvação, não lhe dá o direito de dizer que já está salvo, assim como também, um viajante que, após se perder numa

mata virgem, não pode dizer que já está em casa, só porque conseguiu se situar e saber onde está, bem como que rumo tomar para regressar ao lar”. Ele disse-lhe que o tal viajante realmente não poderá dizer que já está no aconchego do seu lar enquanto não entrar na sua residência, assim como eu também não posso dizer que já estou no Céu, enquanto lá não chegar. Mas assim como, a partir do momento em que o tal viajante ficou seguro dos quatro pontos cardeais e, conseqüentemente, da direção a tomar para voltar a casa, já não se podia mais dizer que ele ainda estava perdido, visto que perdido não é aquele que está numa mata virgem, mas sim, aquele que não sabe de onde veio, onde está e nem para onde vai. Ora, eu ainda não estou no Céu, mas já sei de onde vim, onde estou, e para onde vou. Logo, a Bíblia não está errada quando me diz que eu já estou salvo (1 Co 1:18; Ef 2:8; Lc 7:50). Ademais, Jesus Cristo disse que Ele veio buscar e salvar o que se havia perdido (Lc 19:10).

Após analisarmos este pormenor que para o pastor, que tem Jesus como seu salvador pessoal, basta a ele e seus simpatizantes que tenham apenas a fé de que Jesus morreu na cruz para salvar aos seus fiéis. Esta fé seria o bastante para se considerarem salvos, tal qual afirma o pastor que já estão libertos do pecado. Mais um ato falho, pois como já exemplificamos anteriormente, crer não basta ao cristão que não muda seu comportamento, ante a sociedade, pois uma vez crendo, se não houver mudança de conduta, continuarão a praticar os mesmos delitos. Como observamos, esta fé no sacrifício vicário se torna insuficiente e sem exemplo prático de uma sociedade mais justa e fraterna. O que vemos é um comportamento sectário e preconceituoso, alimentado por esta ideia que o pastor propala nesta obra. Crer no sacrifício vicário não isenta ao pastor e seus simpatizantes que não pecarão mais, mas julgam que estão libertos do pecado, contudo, continuam a errar diariamente e alimentam um ódio cada vez maior pelo diferente, principalmente pelo Espiritismo que o pastor dedicou esta obra em combater, mas como estamos registrando, seus argumentos não afetam a doutrina, antes a divulgam com mais intensidade quando apontamos o erro, a hipocrisia e o preconceito.

Mais adiante, o pastor, numa outra oportunidade, deu um outro exemplo de “*um amigo espírita*” que ilustrou a tal história do viajante que sabe o destino, está no caminho, mas ainda não julga chegar ao objetivo, uma vez que ainda não chegou. Para tanto, este exemplo é deveras ilustrativo, contudo, mesmo não chegando ao objetivo, o pastor se julga salvo dos perigos e enganos da vida, mesmo não atingindo a meta e com isso, exemplifica que: “*sei de onde vim, onde estou, e para onde vou*”. Examinando esta assertiva, mais espírita do que evangélica, o pastor, em sua concepção, veio de sua mãe física, nasceu condenado ao inferno, está numa única experiência física e vai

para o Céu, pois tem Jesus como seu salvador pessoal. Bem simplória, pois o Espiritismo apresenta algo mais profundo, pois ele nos faculta a concepção de que sabemos que viemos do Pai, fomos criados simples e ignorantes, para caminharmos na estrada da evolução, estamos no orbe terrestre vivenciando uma experiência encarnada, como uma página de nossa história espiritual e chegaremos à perfeição, mediante o exemplo do Mestre que vivemos a cada dia intensamente em nossa vida, com o objetivo de sermos ferramenta de trabalho para a construção de um mundo mais justo e fraterno, pois entendemos realmente o significado do Cristo ser o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6).

Nós usamos o Evangelho como base, o pastor se refugia mais nas epístolas paulinas e um estudo metucioso entre os Evangelhos e as epístolas de Paulo, destoará em muito os ensinamentos que deles provém, tanto que as igrejas pentecostais se valem mais de Paulo, do que os ensinamentos de Jesus. Portanto, neste intento, o pastor se utiliza de uma pincelada em (1Co 1,18) que está dentro do contexto de (1Co 1,17-31), onde Paulo trata do tema: **Sabedoria do mundo e sabedoria cristã**. Pelo teor do contexto, os judeus eram contrários ao martírio do Cristo, não entendemos o real sentido de sua missão que era resgatar, pelo exemplo da não violência, indulgência para o erro do próximo e retribuir o mal com o bem. Já para os gentios, que cultuavam a sabedoria grega, foram exortados em seu orgulho, não entendendo a mensagem de humildade, exemplo e amor ao próximo que Paulo destaca. Esta é a loucura ao qual se ele se refere e estava no contexto daquela época como demonstramos. Vamos agora ao encerramento deste passo da salvação:

Veja, os tais perdidos que Cristo veio buscar e salvar, ainda não estavam no Inferno, contudo, já estavam perdidos. De igual modo, embora eu ainda não esteja no Céu, segundo a Bíblia já estou salvo. A razão disso é que, de acordo com a Bíblia, assim como a perdição precede a entrada no Inferno, a salvação antecede o ingresso no Céu. Primeiro o pecador se perde para depois ir para o Inferno, e primeiro o pecador se salva para depois ir para o Céu. Assim ensina a Bíblia. E se não se deve recorrer à Bíblia para provar alguma coisa, por que os livros de Allan Kardec estão recheados de citações bíblicas?

Em sua conclusão, percebemos mais uma vez a incoerência do pastor, já que segundo ele, se nascemos condenados, como poderiam os pecadores se perderem para irem ao inferno, se nasceram destituídos da salvação? Uma pergunta simples que desmorona todo o raciocínio do pastor e coloca em xeque toda a sua teologia. Nem precisaremos refletir muito para perceber que este conceito é destituído de lógica para se sustentar e com o passar do tempo, as pessoas perceberão que não há como saciar

o vazio existencial, numa tese de que nem mesmo as citações bíblicas poderão dar o devido embasamento, que não existe!

13.2. O Único Passo que nos Mantém na Salvação.

Neste tópico, o pastor novamente vai isolar versículos de Paulo, em detrimento a outros apóstolos que conviveram com o Mestre e até mesmo omitir os Evangelhos, encontrando um único caminho para sua salvação, diante do que dizem alguns trechos das epístolas paulinas. Neste panorama, vamos conhecer os argumentos do pastor.

A Bíblia afirma que a salvação é um dom, isto é, presente, que Deus nos dá pela graça, por meio da fé, sem o auxílio das nossas obras (Ef 2.9-8); e acrescenta que esta verdadeira fé viva e produtora de real salvação, automaticamente produz em nós obras que de fato agradam a Deus. Logo, os que tentam se salvar pelas obras, estão pondo o carro diante dos bois. E os que tentam se salvar pela fé mais obras, estão pondo o carro ao lado dos bois. O certo, porém, é deixarmos o “boi” da fé puxar o “carro” da salvação, em cujo interior devemos adicionar cada vez mais as obras de justiça. Isto porque não somos salvos **pelas obras**, mas somos salvos **para as obras** (Ef 2.10). Do exposto se vê que as obras e a fé são importantes, mas temos que pô-las nos seus devidos lugares. Do contrário, não seremos salvos. A fé vale o perdão dos nossos pecados e a consequente salvação, a qual é um dom; e as boas ações que daí nascerem serão galardoadas. Sobre estes galardões, só entenderemos quando chegarmos lá. Por enquanto fica claro apenas que galardão e salvação são coisas diferentes. A Bíblia fala de pessoas que terão salvação, mas não terão galardão (1 Co 3.10-15). A graça e a fé nos conduzem à salvação, bem como nos mantêm na salvação.

Do exposto acima se vê que o passo que nos mantêm na salvação é o reconhecimento de que quando damos os cinco primeiros passos acima discriminados, nos tornamos salvos, e que, portanto, mais nada precisa ser feito para sermos salvos. É o que nos conduz à salvação, que nos mantêm na salvação: a graça, por meio da fé. Fazer algo para se salvar é ser incrédulo; e fazer algo para se manter na salvação, é negar a fé. É desviar-se do Caminho da Salvação. Quem não vive como cristão, cristão não é; e está, pois, perdido. Mas há um enorme abismo entre viver como cristão, e associar a salvação às obras. O salvo vive como salvo, não **para ser** salvo, mas sim, **por ser** salvo; assim como também, a laranjeira não produz laranja para ser laranjeira, e sim, por ser laranjeira.

Como já bem salientamos, o pastor isolou passagens das epístolas paulinas, acreditando que somente através da fé é que se é salvo (Ef 2.9-8). Lembramos que já discutimos esta passagem da epístola de Paulo aos Efésios anteriormente e não retornaremos com uma reflexão detalhada sobre ela. Entretanto, vamos estabelecer um resumo do que o pastor ignorou completamente em seu discurso, recorrendo ao nosso

artigo [A Fé sem obras está morta](#). Vejamos:

*Porque pela graça sois salvos, **por meio da fé (1)**, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus **para boas obras (2)**, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas. (Ef 2:8-9).*

Entretanto, **onde foi demonstrado** pelos defensores da graça que o apóstolo Paulo junta o ensino dele com o de Tiago? Em nenhum lugar, no entanto, **iremos realizar a comparação** dos dois textos em questão. Após a repetição desta mesma passagem predileta dos defensores da graça, este faz duas observações também já reprisadas do escrito anteriormente.

*** 1 Somos salvos por meio da fé, sem obras?** Ou com as boas obras? Se, somos salvos por meio da fé, tão logo a fé não é um fim e sim um meio de se chegar a esta salvação, tão logo, o fim desta mesma fé são as boas obras, gerando conseqüentemente a salvação, mas se **a fé sem obras está morta** são as obras que dão vida à fé. A vida está nas obras, assim como a vida do corpo está no espírito. Ao menos que se mude a essência deste tópico.

*** 2 Criados para e não salvos pelas boas obras.** Criados para as obras? Ou criados para a fé? Se fôssemos criados para a fé, logo ela seria um fim e não um meio. Para os leitores entenderem melhor, a fé a que se refere Paulo é um meio de se chegar a graça que somente é **consumada através das obras**. Tão logo, sem as boas obras **a fé é morta**. Se a fé é morta, ela nada produz. Paulo enfatiza que a fé é um meio, as obras um fim para que andemos nelas, gerando o resultado da graça que é concedida por Deus, através da prática do **“amor ao próximo”**. (FERRARI. T. T. 2013. p. 14)

Fim da citação

O apóstolo Paulo deixa claro que a justificação é pela fé com obras, e não sem obras, senão colidirá frontalmente com o texto do apóstolo Tiago que preza pela justificação através das obras, pois, segundo ele, **a fé sem obra é morta** (Tg 2,24-26). Uma má interpretação do pastor acaba conduzindo o seu leitor ao erro, em acreditar que é salvo somente através da fé, sendo que tanto Paulo, como Tiago a fé é um meio de se chegar às obras e por conseguinte, alcançar a salvação, já que se observarmos a parábola de Jesus sobre as ovelhas e os cabritos, o critério de salvação transcorre à prática da caridade para com o seu próximo, tendo em vista que não é questionado a sua fé, mas as suas obras em favor do próximo, levando amparo e consolo (Mt 25,31-46). Vamos agora esmiuçar o que diz o apóstolo Tiago e que o pastor ignora, mais uma vez recorrendo ao nosso texto [A fé sem obras está morta](#). Vejamos:

O segundo capítulo da epístola de Tiago e a exortação das boas obras

Sobre esta passagem, os que aceitam a graça pela fé apenas questionam: “se ele (Abraão) entregasse o filho por entregar, sem ter tido a fé, como muitos fazem hoje, tentam ser bons apenas para se mostrarem, sem ter fé em Deus?”. Prosseguem os que aceitam a graça pela fé apenas no seguinte questionamento: “assim como muitos oferecem ‘oferendas’ a deus sem ter fé no verdadeiro Deus?” Esta segunda pergunta é tão sem nexos quanto à primeira. Voltando à primeira pergunta e procurando aprofundar, respondemos novamente: Em Primeiro lugar, o apóstolo Tiago evidencia uma analogia a Abraão, realizando sacrifício de seu próprio filho Isaque, no altar a Deus, este acontecimento está em consonância com a passagem do amparo ao próximo, através das boas obras (Tg 2:14-26). Tiago vem a estabelecer dois princípios que tratam de “**amor a Deus sobre todas as coisas**”, e a prova disso foi à oferta do próprio filho da parte de Abraão a Deus sobre o altar de sacrifícios, sendo o outro princípio o do “**amar ao próximo como a si mesmo**” abordado do verso 14 a 17, tendo em vista que o primeiro e maior mandamento deve vir primeiro, o que não discordamos. Todos estes dois princípios se baseiam no ensino do Mestre Jesus e que iremos demonstrar mais adiante.

Entendemos que se “toda a lei e os profetas dependem destes dois mandamentos”, podemos dizer que as “boas obras” envolvem o dever do homem primeiro para com Deus e segundo para com o próximo. Vejamos a passagem abaixo para corroborar o que temos afirmado.

“Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu. E dele temos este mandamento, que quem ama a Deus ame também a seu irmão.” (1 Jo 4:20,21).

Caridade é amor e o amor é caridade. A verdadeira caridade ou verdadeiro amor **se manifesta em boas obras**, nas três direções: **Deus, nós mesmos e o próximo**. Para amarmos ao próximo como a si mesmo, devemos nos amar primeiro. Quem ama a Deus deve se amar e amar ao próximo. Não existe caridade sem estes requisitos acima.

A questão esclarecida acima e em conformidade com o que o apóstolo Tiago nos elucida no segundo capítulo de sua epístola, são dois princípios de “**amor a Deus sobre todas as coisas**” e “**amar ao próximo como a si mesmo**”, sendo estes dois pilares toda a essência da Torah e dos ensinamentos de Jesus. É isto que está claramente na Bíblia e na passagem em análise, onde não procuramos inverter tal ordem, antes ao contrário aproximamos essa ideia ainda mais ao âmago da questão.

Ainda em análise, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas: “foi à fé que moveu a obra, e não o contrário. **A obra aperfeiçoou a fé** (Tg 2:22), ou seja, já havia a fé em Deus, se não houvesse fé a obra iria aperfeiçoar o que?” Se acreditarmos que a fé por si só move as boas

obras, como poderia algo que é inoperante, operar algo (Tg 2:20)? O que fica claro no texto é que a obra quem moveu e aperfeiçoou a fé, e não o inverso (Tg 2:22). Havia a fé em Deus, assim como até os “demônios” também acreditam, todavia, não havia o **“amor a Deus sobre todas as coisas”** e este se consumou através da obra de Abraão em oferecer o seu único filho (**Tg 2:21**).

Com efeito, elaboramos um terceiro questionamento: Diante do exposto, **concordam** que segundo Tiago a fé de Abraão, até aquele momento, era morta? Caros leitores, segundo alguns que aceitam a graça pela fé apenas: “o contexto que entram as exortações de Tiago para se identificar alguém que tem fé ou não, **final, crer em Deus até os demônios creem** (Tg 2:19)”. Nesta passagem de Tiago, fica claro que se a fé sem obras realmente nos garantisse a salvação, até os demônios se salvariam, pois, eles também acreditam em Deus. Contudo, concluem os que aceitam a graça pela fé apenas dizendo que “serão as nossas obras perante Deus, como afirmam que não são apenas as obras com intuito de ajuda ao próximo, a exemplo o caso de Abraão”. Como foi dito anteriormente, Tiago vem a estabelecer dois princípios que tratam de **“amor a Deus sobre todas as coisas”**, e a prova disso foi à oferta do próprio filho da parte de Abraão, sendo o outro princípio o do **“amar ao próximo como a si mesmo”** abordado do verso 14 a 17, tendo em vista do que temos que realizar uns para com os outros. Todos estes dois princípios se baseiam no ensino do Mestre Jesus e neste contexto elucidado de Tiago. (FERRARI. T. T. 2013, p. 15-16)

Fim da citação

Esta é a parte que o pastor omite de você caro leitor, tendo em vista que em nosso artigo que trata deste tema no item 9, percorremos no item 10, onde destrinchamos a análise do grande julgamento, através da parábola dos bodes e das ovelhas, pronunciada pelo Mestre que preconiza que será dado **a cada um segundo as suas obras**. (Mt 25,31-46). Nem precisaremos citar este capítulo, mas sugerimos a você, caro leitor, a leitura deste nosso artigo **“A fé sem obras está morta”** clicando ([AQUI](#)).

Para encerrar este item, o pastor cita (1Co 3,10-15) como que nem todos os salvos terão galardão. Ao examinarmos o contexto ((1 Co 3.5-17) trata do tema **a verdadeira função dos pregadores** que em resumo destrincha o serviço dos pregadores que levaram a fé em Cristo, tento Paulo plantado, Apolo regado e Deus quem fez germinar e gerar frutos (v. 6-7). Concomitantemente a este conceito trazido pelo pastor e por nós examinado o seu contexto, traçaremos um paralelo ao exemplo que ele desfecha sua linha de raciocínio, em que a laranjeira só é laranjeira por que dá frutos e concordamos, pois, se não gerar frutos, ou seja, obras, para que servirá? Para

nada, e para tanto, temos a resposta do próprio Mestre que nos recomenda: **“Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e atirada ao fogo”**. (Mt 7,19)

13.3. Os Passos Subsequentes à Salvação

A partir deste tópico, o pastor já se considera salvo e recomenda que seus seguidores observem seus apontamentos anteriores que em parte são justificáveis, mas de um certo momento para o seu desfecho, desconsidera o posicionamento de outros apóstolos e até mesmo dos Evangelhos. Dessa forma, seremos sucintos na análise destes passos seguintes, procurando ser objetivos e dizer muito, em poucas palavras. Vejamos a análise inicial do pastor.

• Ao darmos o quinto passo, nos tornamos salvos. Ao darmos o sexto passo, nos mantemos salvos. Mas, quais são as obras que devemos fazer **por** sermos salvos, isto é, 100% perdoados? Veja a seguir alguns exemplos.

Diante de um sofisma, de uma má interpretação isolada de Paulo (Ef 2,8-9), desconsiderando outros apóstolos como Tiago (Tg 2,14-26), negligenciando até mesmo o Mestre, que estabelece o critério de julgamento (Mt 25,31-46), compreendemos que se pode formular a teoria que o pastor defende, isolado passagens de todo o contexto das Escrituras que afirma que **a fé sem obras é morta**. (Tg 2,26). Entretanto, vamos conhecer as legalidades do pastor.

13.3.1. Ser Batizado

Neste quesito, ser batizado transformou-se mais numa legalidade cristã que integra uma nova pessoa a uma instituição religiosa, perdendo o seu significado primitivo que era o arrependimento dos pecados. Contudo, o pastor aponta evidências. Vejamos:

(Mc 16.16). Cristo mandou pregar o Evangelho e batizar os que creem. Estes não se batizam para se salvarem, e sim, por serem salvos. Não inverta a ordem.

Como já salientamos, o capítulo 16 de Marcos encerra no verso 8 nos manuscritos mais antigos e do verso 9 em diante não passa de acréscimo de algum copista. Contudo, o pastor acaba invertendo a ordem do objetivo do batismo que era o arrependimento dos pecados, para andarem conforme a justiça do Evangelho e chegarem a plenitude da prática do amor ao próximo. O pastor entende que a salvação vem primeiro pela fé e o crente depois se batiza, invertendo todo o sentido original,

criando assim uma legalidade. Vamos ao segundo passo.

13.3.2. Comungar com seus Irmãos na Fé.

Partilhar com nosso semelhante a prática do Evangelho é comum no meio espírita e em qualquer denominação religiosa cristã. Não podemos nos furtar que existem pessoas que possuem um certo grau de altruísmo em relação ao seu semelhante, que transcende aos muros dos templos e das vias de fato na prática religiosa, onde certamente alcançam a plenitude de seus atos, independentemente de estarem filiados a uma ortodoxia cristã. Entretanto, nos diz o pastor.

Muitas pessoas já fizeram o que você acaba de fazer, e já se organizaram. Você é convidado a se unir a um desses grupos, porque lá você encontrará pessoas mais experientes que muito poderão ajudá-lo (Hb 10. 25). Estes grupos são conhecidos pelos nomes de evangélicos ou crentes. Cuidado, há igrejas se dizendo evangélicas, sem sê-lo de fato.

Como já explanamos, não precisa ser um evangélico para praticar a lei de amor e caridade que se conhece nos moldes do Cristianismo, pois a religião do futuro será a prática do amor e não uma filosofia religiosa e sectária que segrega as demais crenças e criam muros entre si, sendo mais separatistas do que fraternas. Salientamos que o contexto da epístola de Hebreus salienta o **sacerdócio de Cristo** que o pastor apela no trecho (Hb 10,25) que em seu contexto (Hb 10,19-25) trata do tema **transição**, onde observamos no verso anterior (v. 24) a recomendação do autor “**Veamos uns pelos outros para nos estimularmos à caridade e às boas obras**”. (Hb 10,24) e é o que temos constantemente reforçado e o pastor negligenciado!

13.3.3. Ler a Bíblia

Não só é preciso ler a Bíblia, mas estudá-la, pondo em prática os ensinamentos do Cristo para sermos servos prudentes, pois apenas ler a Bíblia, poderá incorrer em erros como temos visto e registrado os do pastor, que nos diz:

Leia a Bíblia diariamente. Na impossibilidade de fazê-lo, peça a alguém o favor de lê-la para você ouvir. Saboreie pelo menos um capítulo por dia (Js. 1: 8; Sl 1. 2).

Ler apenas, sem o senso crítico, poderá leva-lo a conclusões não desejadas, tal qual nos sugere o pastor a passagem (Js 1,8) que em seu contexto (Js 1,6-9) tem por tema **fidelidade à Lei, condição da ajuda divina**, onde nos remete a estudar e meditar na Torah, a Lei de Moisés, que até já nos empenhamos neste intento e temos

constantemente compartilhado deste conhecimento. Por sim, o pastor seleciona outro trecho (Sl 1,2) que tem por tema este Salmo (Sl 1,1-6) **os dois caminhos**, onde nós espíritas recorreremos novamente “**Sim, lahweh conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perece**”. (Sl 1,6)

13.3.4. Praticar a Doutrina dos Apóstolos.

Se seguirmos o caminho que os apóstolos construíram, como exemplo da Casa do Caminho gerida pelos discípulos do Cristo, tendo à frente as figuras de Pedro e Tiago, certamente resgataremos o Cristianismo primitivo que levava alento aos mais necessitados, que é o objetivo das Casas Espíritas se espelham em suas campanhas de esclarecimento, auxílio nos moldes do Evangelho moral e materialmente. Com isso, vamos conhecer os concelhos do pastor.

Estas doutrinas estão registradas na Bíblia. Uma delas é que não devemos adorá-los (At.10:25-26; 14:11-18).

Esta é uma crítica aos que veneram os apóstolos, fato este que nós espíritas não temos o devido costume. No contexto de (At 10,19-26) tem por objetivo o tema da **fundação da Igreja de Antioquia** que Pedro recomenda não ser adorado por Cornélio por ser homem (v. 25-26) e no contexto de (At 14,8-18) que trata do tema **a cura de aleijado**, Paulo e Barnabé são comparados a deuses na cidade pagã de Icônio, onde os apóstolos repudiam este comportamento (v. 15). Certamente que nós espíritas não praticamos quaisquer tipos de adoração a figuras que estão na vanguarda do Espiritismo e do Cristianismo.

13.3.5. Cear.

Não há este tipo de prática dentro do movimento espírita, onde a nossa celebração não é o sacrifício de Jesus, mas o sacrifício que o seu Evangelho nos proporciona em prol de nossa reforma íntima, atendimento dos mais necessitados moralmente e intelectualmente. Esta é a nossa motivação;

A Ceia do Senhor é uma ordenança do Senhor Jesus e é constituída de pão e suco de uva, os quais simbolizam, respectivamente, o corpo e o sangue do Senhor (1 Co.11:17-34). Todo cristão deve participar deste banquete espiritual, comendo do pão e bebendo do fruto da vide (1Co. 11: 28), em clima de festa, sim, a Festa Magna do Cristianismo, cujo objetivo é comemorar o sacrifício substitutivo que Jesus efetuou por nós lá na cruz.

Percebemos que esta é mais uma legalidade cristã que percorreu através dos

séculos e que nós espíritas damos muito mais ênfase na prática do Evangelho, do que na observância de suas legalidades. Sobre o contexto de (1Co 11,17-34) que retrata a **ceia do Senhor** como tema, salientamos que o apóstolo Paulo nos exorta **“Porque, comendo, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e assim um tem fome e outro embriaga-se. Não tendes porventura casas para comer e para beber? Ou desprezais a igreja de Deus, e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto não vos louvo”**. (1Co 11,21-22). Creio que o pastor não esteja muito preocupado com os mais necessitados, já que observa apenas a parte que lhe convém (v. 28).

13.3.6. Orar.

Este é um preceito que temos como prática, pois realizamos constantemente em nossas casas espíritas e ainda nos diversos eventos que participamos, como regra uma prece a Deus e uma leitura preparatória, antes de iniciar quaisquer atividades na casa espírita. Contudo, vamos observar o que nos diz o pastor.

Por ser Jesus o único Mediador entre Deus e os homens (1 Tm. 2: 5), Ele nos ensinou a orar direto a Deus (Mt. 6: 9-13), em Seu nome (Jo. 14: 13-14). Portanto, doravante não perca mais seu tempo rezando ao tal de “Anjo Guardiã”, ou aos chamados santos, ou aos chamados orixás e outros espíritos que se fazem passar pelos mortos. Ore ao Senhor! Por favor, ore por mim.

Oramos a Deus, sempre dirigindo nosso pensamento ao Cristo que interceda em nossas atividades, como já bem o dissemos. Quando ocorre uma interseção a alguém, dirigimos nossos esforços a esta pessoa, seja em auxílio, ou em rogativa. Bastaria o pastor verificar a parte final da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que traduz as diversas preces que norteiam a nossa atuação em diversas situações. Outrossim, oramos pelo pastor, como nos recomenda o Mestre: “[...] **e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus**” (Mt 5,44).

13.3.7. Testemunhar.

Para encerrar este capítulo, o pastor nos recomenda a testemunharmos nossa mudança de atitude, ante o engajamento do Evangelho em nossas vidas e salientamos a ele que nós o fazemos constantemente em nossos atos para com o nosso próximo. Contudo, vamos conhecer o que o pastor nos apresenta.

Conte a todo mundo a sua nova vida, isto é, a sua experiência com Cristo!

(Mc. 5: 20). E argumente mais ou menos assim: As religiões não cristãs (Budismo, Islamismo, Hinduísmo...) não podem salvá-lo. O mesmo podemos dizer das instituições religiosas que se fazem passar por cristãs (Testemunhas-de-Jeová, Igreja Católica, Adventismo do Sétimo Dia, Kardecismo, Mormonismo...). E, pasme-se, nem mesmo a verdadeira Igreja de Cristo, que é o conjunto dos redimidos pelo Seu sangue, pode salvá-lo. Você quer ser salvo? Então vá direto a Cristo, pois só Ele salva (Jo. 14:6; At.4:12).

Como é de praxe o seu discurso, ele exclui todas as crenças diferentes da que ele professa, que é o movimento evangélico, dizendo que somente a igreja dele representa o objetivo da missão do Cristo. Nós, espíritas, por outra vez, recomendamos não o que o pastor orienta “**Fora da igreja não há salvação**”, atribuindo a abrangência da missão do Cristo que é universal e que a Doutrina Espírita tem como lema “**Fora da caridade não há salvação**”. Com este lema, vamos ao capítulo seguinte.

CONCLUSÃO

Procuramos trazer aos leitores uma parte da nossa resposta à obra “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” do Pr Joel Santana, sendo que nossa obra é: ***O Espiritismo e as incoerências de um pastor***. O CACP se utilizou da obra do pastor para publicar em seu site, tendo em vista a sua sistemática em combater a Doutrina Espírita. Aos interessados em conhecer nossa refutação completa, é só clicar ([AQUI](#)) e baixar em nosso site, na ala E-Book's, o conteúdo para apreciação e tirar suas próprias conclusões.



Thiago Toscano Ferrari

Novembro/2021

Referências Bibliográficas:

- Bíblia de Jerusalém**, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília-DF: FEB, 2019e.
FERRARI, T. T. *A fé sem obras está morta*. Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/a-fe-sem-obras-esta-morta/>